

**ANÁLISE DE SINAIS-NOME DA FAMÍLIA AQUINO DE CAMPO GRANDE –
MS NOS ANOS DE 1940 A 1960: UM PONTO DE VISTA SOCIOLÓGICO**

ANALYSIS OF THE AQUINO FAMILY'S SIGN NAME IN CAMPO GRANDE - MS
IN THE YEARS 1940 TO 1960: A SOCIOLOGICAL POINT OF VIEW

Neiva de Aquino Albres¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O presente artigo tem como objetos de análise os sinais-nomes da família Aquino a partir dos anos de 1940, em Campo Grande - MS. O núcleo familiar em análise é composto por doze membros (mãe, pai e filhos). A base teórico-metodológica consiste em estudo sociolinguístico, sobre a relação entre língua e fatores sociais. O objetivo, assim, consiste em caracterizar e examinar os sinais-nomes do ponto de vista narrativos construídos para cada um dos sujeitos a fim de apreender as tensões e os enfoques histórico e social dessa questão cultural (sinais-nome) das comunidades surdas. Segundo a revisão de literatura, há quatro categorias de sinais-nome em Línguas de Sinais: (1) sinais-nome arbitrários (2) sinais-nome descritivos (3) sinais-nome inicializados e descritivos (híbrido) (4) sinais-nome por empréstimo linguístico. Com base nos sinais-nome estudados, em perspectiva narrativa e descritiva conclui-se que em meio à língua de sinais em consolidação no Brasil na época, caracterizam a formação dos sinais-nome icônicos da família Aquino. Assim, profissão, ações e trejeitos transcursam para o processo de redução de grandes expressões icônica e pantomímicas culminando na fusão desses elementos em cada sinal-nome.

Palavras-chave: Sinal-nome. Língua de sinais.

Abstract: The present article aims to analyze the sign-names of the Aquino Family in the 1940s, from Campo Grande – MS. The family under analysis is made up of twelve members. The theoretical-methodological basis consists of sociolinguistic description of the relationship between language and social factors. The objective, therefore, is to examine and characterize the sign-names from the narrative point of view constructed for each of the subjects in order to understand the tensions and the historical and social approaches to this cultural issue of deaf communities. According to the review, there are four categories of sign-names in Sign Languages: (1) arbitrary sign-names; (2) descriptive sign-name; (3) initialized and descriptive (hybrid) sign-names; (4) borrowed sign-names. Based on the sign-names studied, it can be concluded that the narrative and descriptive points of view, in the midst of the sign language consolidation in Brazil, characterize the formation of the Aquino family's sign-names. Thus, profession, actions and mannerisms transcend into the process of reducing large iconic and pantomimic expressions, culminating in their fusion into a sign-names.

Key-words: Personal sign name. Sign language.

Submetido em 22 de janeiro de 2026.

¹ Doutora em Educação. Docente da Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de pós-graduação em Estudos da Tradução. Membro no Núcleo de pesquisa Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais e Vocais – INTERTRADS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1567-297X>. neiva.albres@ufsc.br

Aprovado em 19 de abril de 2026.

1. Introdução

Os nomes pessoais são usados em todo o mundo, independentemente da língua de sinais, ambiente cultural, classe social ou etnia. Assim como os ouvintes que usam línguas de modalidade vocais-auditivas, os surdos apesar de terem seus nomes oficiais registrados

em documentos usam sinais específicos para o nome, que são sinais particulares associados aos indivíduos, como forma de se identificarem perante os outros, particularmente dentro da comunidade surda. Contudo, os sinais-nome podem ser expressos e usados de forma diferente dependendo do país e da cultura surda (Paales, 2010).

Para Dick (1998, p. 99), a onomástica e suas produções “originam-se nos próprios costumes e hábitos do grupo, definidores da macrovisão de sua cultura [...] segundo a circularidade tempo-espacial, como as formas denominativas que expressam traços ideológicos”. A partir de estudos da sociolinguística, onomástica e lexicologia já desenvolvidos foi possível caracterizar os critérios de criação de nomes pessoais em línguas de sinais.

A antroponomia é uma disciplina com longa tradição no estudo de nomes que possui dimensões explicativas antropológicas, históricas, sociológicas e linguísticas, sendo uma área da onomástica (ciência dos nomes). Há estudos desenvolvidos no Brasil sobre os sinais atribuídos a cidades, instituições, bairros, sinais religiosos, animais e pessoas (sinais-nome), entre outros (Rech, 2021; Douettes, 2023; Marins, 2024; Souza, 2024). Muitos dos estudos baseiam-se em dicionários (Albres, 2014, 2024) na busca de identificar, compreender os processos de construção lexical.

Contudo, há uma lacuna de pesquisa, a falta de estudo histórico e evolutivo da criação de sinais-nomes das comunidades surdas no Brasil. A onomástica tem ganhado espaço nos estudos sobre línguas de sinais, mas os estudos históricos ou diacrônicos ainda são escassos. Grande parte das pesquisas concentram-se nos aspectos articulatórios dos sinais, com ênfase no ponto de articulação, duas ou uma mão, deixando de lado dimensões sociais. Ainda é necessário compreender como a criação de sinais-nome foi desenvolvido na história de gerações passadas das

comunidades surdas, especialmente, com enfoque sociológico. A partir desta lacuna de pesquisa delimitamos o nosso trabalho. Nesse sentido, delineamos investigar a caracterização dos sinais-nome da comunidade surda de Campo Grande – MS com o recorte temporal de pessoas nomeadas (1940-1960). O objeto não é o “sinal-nome original em si”, mas as práticas onomásticas de uma comunidade surda neste período histórico específico.

As perguntas iniciais que levantamos foram: O fenômeno de se referir às pessoas nas gerações anteriores eram definidas por quais critérios (por iconicidade ou arbitrário)? Os critérios para o batismo na comunidade surda mudaram ao longo dos anos? Quais as

transformações nas formas de criar os sinais-nome dos membros das comunidades surdas?

O objetivo desta pesquisa consiste em examinar e caracterizar os processos de elaboração de sinais-nome em uma família surda, do ponto de vista histórico e evolutivo, a fim de compreender padrões sociais e culturais de comunidades surdas.

2. Sinais-nome pessoais: uma breve revisão dos estudos preliminares sobre línguas de sinais

Sinais-nomes pessoais são usados como nome de uma pessoa em língua de sinais, e são sinais específicos e individuais para se referir a cada pessoa. Supalla (1990) e Mindess (1990) com trabalhos pioneiros sobre sinais-nome, apesar do enfoque na descrição linguística e articulatória, concordam que os sinais-nome nas culturas surdas do mundo não são apenas úteis identificações para pessoas, mas refletem valores culturais e padrões de interação social.

A história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se inter cruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais (Dick, 1990, p. 19).

Estudos sobre os sinais-nome indicam que em línguas de sinais, frequentemente, são recebidos mais tarde na vida, de colegas surdos (Supalla 1990). Os sinais de nome podem mudar ao longo da vida (Meadow, 1977). Os sinais-nome surgem de estratégias de descrições de características físicas ou traços de caráter evidentes, metáforas, metonímias, empréstimos, traduções, números e ortografia (Hedberg 1994; Nonaka et al. 2015; Paales 2010; Yau, 1996). Outros sinais-nome combinam a primeira letra do nome de uma pessoa com uma característica ou traço que ela tem.

A esses fenômenos socioculturais foram atribuídas denominações conceituais. Segundo a revisão de literatura, há quatro principais categorias de sinais-nome em Línguas de Sinais: (1) sinais-nome inicializados (arbitrários), (2) sinais-nome descritivos, (3) sinais-nome inicializados e descritivos (híbrido), (4) sinais-nome traduzidos ou por empréstimo (McKee; McKee, 2000).

Para Paales (2010) os sinais-nome híbridos são comuns agora, mas não eram comuns antigamente das comunidades surdas. Descreve que para os surdos antigamente,

um sinal de nome híbrido seria como uma interferência na cultura surda. Então, indicam

ser melhor receber o sinal de nome de alguém que seja culturalmente surdo. Isso também ocorre porque, para ser aceito na comunidade surda, você tem que mostrar respeito pela língua de sinais nativa. (Delaporte, 2002).

Yau (1988) indica que mesmo em comunidades surdas pequenas ou distantes dos grandes centros em que se usa sinais caseiros a prática de atribuir um sinal específico para cada membro da família é corriqueiro.

A literatura evidencia que os sistemas de “comunicação gestual” de crianças surdas em família de membros ouvintes em diferentes culturas demonstra que crianças sem contato com a linguagem convencional criam espontaneamente sistemas gestuais com estruturas robustas semelhantes à linguagem sistematizada, incluindo frases, morfologia em nível de palavras e até mesmo recursividade, mostrando que propriedades linguísticas essenciais podem surgir sem um modelo, demonstrando a “resiliência” fundamental da linguagem e a capacidade humana inerente para a comunicação estruturada. Assim, os sistemas de sinais espontâneos desenvolvidos nessas culturas compartilharam uma série de semelhanças estruturais: ordenação padronizada dos elementos dentro da frase e concatenação de proposições dentro de uma frase (Goldin-Meadow; Mylander, 2009). Fusellier-Souza (2004, p. 38) considera que as línguas de sinais podem ser consideradas sistemas linguísticos complexos, que evoluem devido a fatores como institucionalização e aumento do número de sinalizantes que se expressam por meio de uma língua.

3. Metodologia de pesquisa

Desenvolver pesquisa sobre a linguagem é adentrar a um campo da vida essencialmente humano e interativo, em constante transformação e que merece delimitação investigativa específica. Temos desenvolvido pesquisa sobre língua de sinais, descrição de seu funcionamento, processos tradutórios e sua aplicação na educação. Compreendemos que há algo no campo da onomástica que não foi suficientemente compreendido e pode ser desenvolvido pela delimitação do estudo dos sinais-nome de uma grande família constituída por cinco gerações. Como dito, as fronteiras deste objeto delimitado como conhecimento se articulam com a linguística, história e sociologia.

A metodologia de pesquisa envolve fundamentos filosóficos e epistemológicos para a investigação. Para tanto, nos baseamos na filologia da linguagem enunciativo-discursiva

(Volochinov, 2017; Bakhtin, 2010) em que se concebe a linguagem como constitutiva dos

sujeitos e produzida em interações concretas, ou seja, parte-se da vida. Acredita-se que linguagem é social e ideológica. Dessa forma, pauta-se em paradigma qualitativo-interpretativista. Delimitado o objeto de estudo, a saber: sinais-nome de uma família com membros surdos em uma cidade do Centro-Oeste do Brasil elaborados na década de 1940 e 1960 e usados até os dias hoje. Este estudo não tem a pretensão de ser uma “recuperação do passado”, mas uma memória linguística socialmente construída.

Para tanto, adotamos o método de estudo de caso associado à análise documental (fotos e artigos de época), esse caminho de pesquisa se justifica pela possibilidade de registrar aspectos históricos. A técnica de pesquisa delimitada foi observação participante, visto que a pesquisadora vive nesta comunidade sinalizadora e conhece todos os membros estudados. Para a descrição da motivação dos sinais, adotamos entrevista com dois irmãos da família, um surdo e um ouvinte, atualmente com 76 e 78 anos. Trata-se de um estudo diacrônico, com reconstrução de usos lexicais a partir de fontes indiretas e narrativas associado a fotografias com identificação de pessoas. Como não há registros audiovisuais sistemáticos da Libras até os anos de 1960 em Campo Grande, o método precisou combinar:

- Pesquisa histórica documental (fotografias, documentos de matrícula em escolas e formaturas), e

- Entrevista retrospectiva baseada em memória linguística a partir de entrevista narrativa com idosos da família e pesquisa participante, a partir da interpretação da pesquisadora.

O procedimento de análise consistiu em uma camada para se cotejar a construção dos sinais-nome à classificação descrita na literatura e comparar a sua motivação e produção icônica, interpretar como se estabilizou o sinal-nome dos membros da família. Traçando como objetivo identificar padrões recorrentes da época.

Para tanto, produzimos a gravação dos sinais em vídeo e disponibilização em canal do *YouTube* para gerar link e acesso à produção do sinal. Os vídeos não são dados históricos em si, mas representações metalinguísticas atuais de práticas passadas gerados para esta pesquisa.

Quadro 1. Estrutura de Referência desta pesquisa Qualitativa

Posição epistemológica	Metodologia	Método	Técnica	Procedimento de análise
qualitativa-interpretativista	O caminho é histórico	Estudo documental e Pesquisa participante	Entrevista e Análise documental	Narrativa e interpretativa

Fonte: Produzido pela autora adaptado de Myers (2005) para esta pesquisa

As dimensões apresentadas no quadro 1 relacionam-se entre si e indicam o desenho metodológico assumido pela pesquisadora, refletem a consistência da postura epistemológica com as técnicas e procedimentos adotados.

O projeto de pesquisa sobre a histórica das comunidades surdas foi aprovado Comitê de Ética da UFSC no ano de 2020, parecer: 3.853.341 para que então se iniciassem as entrevistas. Os sujeitos foram convidados, instruídos sobre a participação e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Desta maneira, a presente pesquisa foi desenvolvida a partir coleta de registros históricos que também possibilitam contextualizar o estabelecimento de sinais-nome, em um recorte temporal iniciado em 1940, já que os sinais dos participantes são usados até o presente momento. Ocorreu a disponibilização de fotos e objetos, assim como a autorização para apresentação do nome real dos participantes. Isto se fez necessário na medida em que se deseja identificar, descrever e analisar as mudanças históricas na forma de nomear as pessoas em língua de sinais.

4. História da Libras na cidade de Campo Grande MS: a família Aquino e os sinais-nome de seus membros em perspectiva sociológica

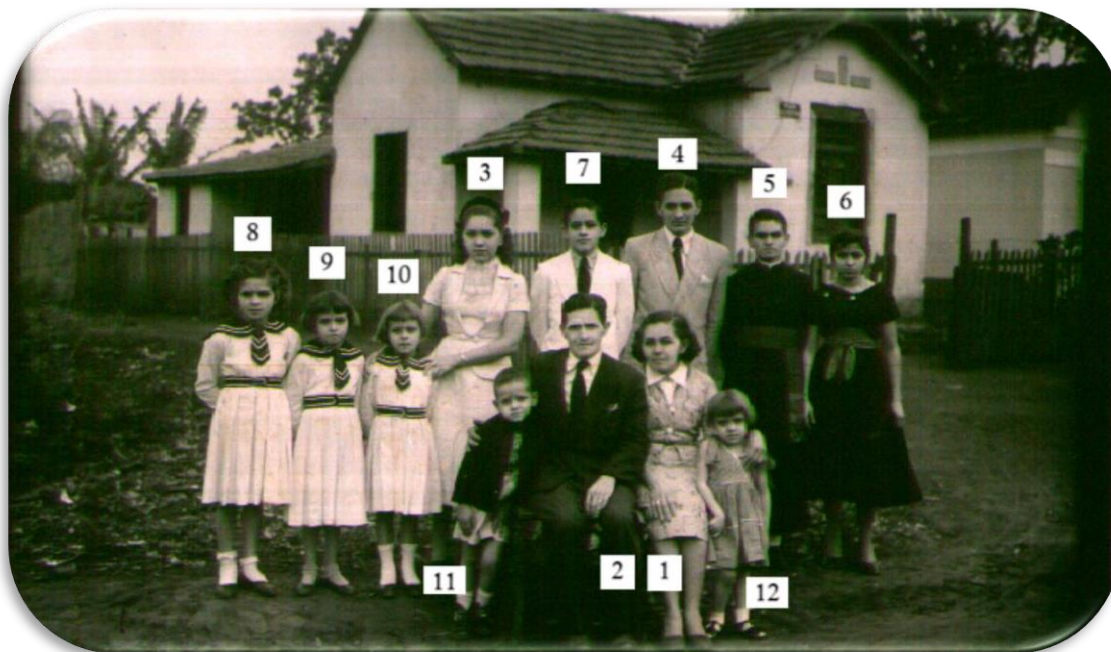
Campo Grande é atualmente a capital do estado de Mato Grosso do Sul. A região e a vila de Campo Grande se desenvolveram em razão do clima e da privilegiada situação geográfica. Isso atraiu os habitantes de São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná e diferentes estados do Nordeste. Ainda quando pertencia à Mato Grosso, em 1909 houve a construção do quartel-general e outros aquartelamentos das Forças Armadas da região, o que incentivou o projeto da primeira planta urbana e rocio da então vila de Campo Grande (onde terminava a povoação) (Souza, 2018). O estado de Mato Grosso que foi desmembrado em 11 de outubro de 1977 com a criação ao sul do novo estado denominado Mato Grosso do Sul, ascendendo a cidade de Campo Grande à capital do novo estado.

Paralelo a isso muitos migrantes cearenses deixaram sua terra natal. Entre 1888 e 1915, a população do Ceará experimentou períodos de seca, marcados, por um lado, pela busca de sobrevivência nos lugares do sertão atingidos por esse fenômeno, e, por outro, pelo êxodo, rumo a Fortaleza, e muitas vezes de lá para outros territórios” (Lacerda, 2006, p. 198). Assim aconteceu com a Família Aquino que em imigração de uma pequena cidade do interior do Ceará chamada Cedro chegou à Campo Grande, em 1944. Nessa época a

família era constituída pelo pai, mãe e seis filhos, sendo o terceiro filho surdo. A família

se instalou em uma pequena casa no bairro Bodoquena, área central da cidade próximo à vila militar, à base aérea e à igreja católica Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Logo o pai se estabeleceu como carpinteiro da base aérea e a mãe dona de casa. Os filhos homens mais velhos foram instruídos fora da cidade, pois na época não havia escola para todos na cidade. As meninas, geralmente, permaneciam na mesma cidade.

Figura 1. Foto da família Aquino em 1953



Fonte: Foto do álbum da família

Quadro 2: Relação de membros da família Aquino

Nome	Ano de nascimento/falecimento e escolaridade
1 - Josefa Torres de Aquino (mãe)	1910-2001 (faleceu com 91 anos)
2 - Thomas Duarte de Aquino (pai)	1905-1989 (faleceu com 84 anos)
3 - Josefa Zeni de Aquino	02/01/1931 – VIVA Completo o ginásio
4 - José Ipiranga de Aquino (SURDO)	07/09/1934 e 24/03/2007 Estudou no Rio de Janeiro – INES. Curso e profissão de tipógrafo
5- Luiz Torres de Aquino	04/04/1936 – 26/10/2020 Letras-Frances e pedagogia (faculdade FUCMAT)
6- Maria Zilda de Aquino	06/09/1938 - VIVA Não completou o ginásio
7 - Francisco Assis de Aquino	09/01/1939 - 1964 (faleceu com 25 anos) Completo o ginásio Colégio Estadual Campo-Grandense. Curso de sargento.
8 - Maria Zenilda de Aquino	16/10/1944 -VIVA Pedagogia
9 - Maria Zizi de Aquino	19/04/1946 - 03/04/2017 Pedagogia
10 - Maria Torres de Aquino (Zeneide)	31/05/1947- VIVA Curso técnico em contabilidade e pedagogia (faculdade FUCMAT)
11 - Geraldo Torres de Aquino (SURDO)	23/10/1948 - VIVO Estudou no Rio de Janeiro – INES. Completo o ginásio
12 -Zélia Torres de Aquino	10/12/1950 - VIVA Curso técnico em contabilidade

Fonte: Produzido pela autora

A família Aquino tem raízes históricas no município de Cedro, no estado do Ceará, com registros genealógicos que remontam ao final do século XIX e início do século XX, com destaque para atividades ligadas à pecuária e colonização holandesa. O progenitor Tomas Duarte de Aquino, ouvinte, nasceu em 1905 no Ceará, mudou-se para Campo Grande em 1944. Ele tinha primos surdos desde a infância, casou-se com a sua prima Josefa Torres de Aquino com quem teve 12 filhos, destes 2 surdos. Conhecidos como família Aquino em Campo Grande, uma família religiosa (católica) que primava pela educação, tanto que os filhos surdos foram uns dos primeiros da cidade a estudar no Rio de Janeiro (Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES). A família sempre usou a língua de sinais para se comunicar com os surdos. Após essa pequena contextualização, passemos ao uso da língua de sinais para nomear os membros da família. Diante do perfil sociológico do artigo a opção foi pela escrita como uma narrativa história a partir das entrevistas realizadas.

4.1 Motivação de cada sinal: dimensão sociológica da língua de sinais

A matriarca da família é **Josefa Torres de Aquino** nasceu em 1910. Uma mulher forte e determinada, mas sujeitada às normas sociais e religiosas de sua época. Sua tarefa era cuidar dos filhos e seguir os preceitos da igreja católica. Nos anos de 1930 a vida da mulher era predominantemente marcada pela submissão “aos homens da família” (cultura estritamente patriarcal), restrição ao ambiente doméstico e rigorosos padrões morais e religiosos, principalmente no interior sertanejo. Nomeada pelos filhos como MÃE (beijo no dorso da mão). A família tinha como princípio da educação e a fé em Deus, respeito à família. Então, pedir a benção aos pais era uma cultura enraizada no comportamento social da época como uma reverência aos mais velhos.

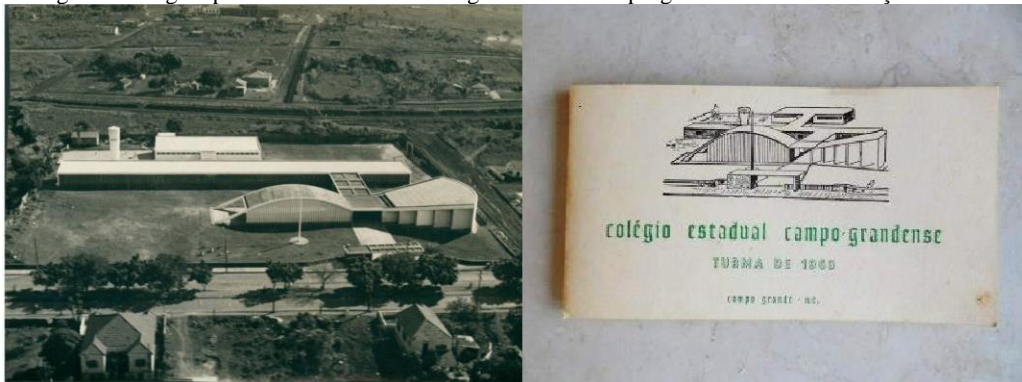
Tomas Duarte de Aquino, nasceu em 1905 trabalhava como carpinteiro na base aérea de Campo Grande. Apesar de ter seu nome em português, era conhecido pela família com o sinal de PAI (beijo no dorso da mão), quando os surdos precisavam ir ao seu trabalho e chamá-lo, referiam “o carpinteiro”, utilizando o sinal manual descritivo de segurar a serra e movimentá-la para frente e para trás. Então, tinha duas formas de nomeá-lo. Na família, “pai” e fora da família “carpinteiro”. Assim, a motivação do seu sinal-nome foi estabelecida da relação social e trabalho que realizava. Configurando-se como dois sinais icônicos.

Josefa Zeni de Aquino, a primeira filha nasceu em 1937 e ingressou na escola

com 7 anos, algo diferenciado, visto que muitas meninas não tinham acesso à educação e

eram ensinadas apenas para os afazeres domésticos. Ela estudou primeiramente no colégio Perpétuo Socorro (mantido pela igreja Católica) e depois no Colégio estadual Campo-Grandense, uma escola administrada pelo poder público e com poucas vagas, sendo bem concorrido. Vide figura 2.

Figura 2. Imagem parcial da cidade e do colégio estadual campo-grandense com construção moderna



Fonte: <https://portaldobicentenario.org.br/wp-content/uploads/2023/11/1954-Escola-Estadual-Maria-Constanca-de-Barros-Machado.pdf>

Analisar as relações de gênero, condições da vida das mulheres na história implica compreender as relações de poder como produto social e cultural, construída também na língua. Importante contextualizar esse período, pois na década de 1940 os direitos das mulheres no Brasil encontravam-se em um período de transição entre conquistas formais recém-adquiridas (como o voto em 1932/1934) e a forte subordinação jurídica e social imposta pelo Código Civil de 1916, embora houvesse um aumento na participação feminina no mercado de trabalho. Como Zeni foi a primeira mulher a estudar da família, o seu sinal era referência à ESTUDAR. Nos anos de 1940, durante o governo Vargas também houve significativa inserção das mulheres no mercado de trabalho em áreas como educação, saúde e assistência social. Zeni, ainda muito jovem passou a trabalhar no Setor de Assistência Social do governo federal. A classe social pobre a que pertencia lhe impingira, expresso nas discriminações e exclusões sociais a ela imposta, que deveria trabalhar para ajudar financeiramente sua família. Com o casamento, a mulher passava a constituir outra família e pertencia ao seu marido. Mas, Zeni ao se casar tornou-se dona do seu dinheiro, como “mulher moderna” não se submeteu ao comando de um homem. Sempre foi uma mulher independente financeiramente e seu sinal se manteve até os dias atuais com referência ao “ESTUDAR” (Figura 3).

Figura 3. Sinal-nome de Josefa Zeni de Aquino



Fonte: produzido pela autora.
Disponível em: <https://youtu.be/TBbZy3ca21E>

As relações sociais de gênero compartilhadas pela sociedade brasileira da época e fundadoras de padrão social determinaram o sinal-nome de Zeni. O sinal não se referia a uma característica física, mas ao seu feito de estudar. Os sinais pessoais como tais, encontram-se referenciadas por um sistema de imagens, valores, normas, significações materiais e simbólicas.

Há registros históricos de grande influência da Língua de Sinais Francesa na padronização da Língua Brasileira de Sinais (Marques; Cantarelli, 2020). O sinal de Zeni refere-se à produção articulatória do sinal de ‘*étudier*’ Língua de Sinais Francesa, provavelmente o sinal de estudar usado na época pelo irmão surdo que era estudante do INES.

Figura 4. Sinal para ESTUDAR em Língua de Sinais Francesa



Fonte: <https://spreadthesign.com/pt.br/search/>

O segundo filho **José Ipiranga de Aquino** nasceu surdo em 1934. A surdez foi descoberta ainda na infância pela falta de resposta auditiva e pelo atraso na aquisição da linguagem (fala). A família Aquino já tinha casos de surdez em gerações anteriores e sabia que se usava gestos para se comunicar com as crianças. O primeiro sinal pessoal dele usado pela família foi SURDO.

Figura 4. Sinal para SURDO em Língua de Sinais Francesa



Fonte: <https://spreadthesign.com/pt.br/search/>

Em Campo Grande não tinha uma escola especializada para surdos, seu pai acreditava na formação e o levou para estudar no Rio de Janeiro, no Imperial Instituto Surdos-Mudos, onde cursou o ensino básico, aprendeu a língua de sinais e formou-se no ofício de tipógrafo (Educação Profissional). Ele foi em 1946, aos 12 anos, em 1949 contribuiu com a criação do grêmio estudantil no INES, com 15 anos. Concluiu os estudos de tipógrafo com 18 anos e voltou para Campo Grande em 1951.

Figura 5. Livro com iconografia - documentos históricos do INES



Fonte: Rocha (2018)

O Instituto dos Surdos-Mudos foi fundado em 1856, no Rio de Janeiro com o objetivo de oferecer educação intelectual, moral e religiosa aos surdos (Figura 6).

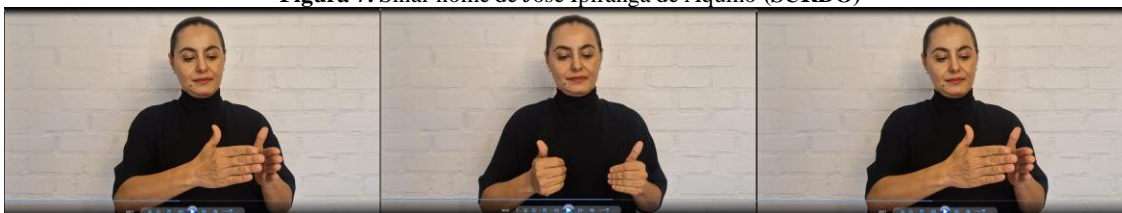
Figura 6. Fachada do Imperial Instituto Surdos-Mudos - INES



Fonte: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/26-de-setembro-dia-nacional-do-surdo-instituto-nacional-de-surdos/>

Na família era chamado de SURDO, mas no INES lhe fora atribuído um sinal diferente que tem origem em sua formação profissional, referente ao ofício de tipógrafo, aprendido no Instituto. A tarefa do tipógrafo envolve a manipulação da máquina de impressão, iniciando pela organização das letras e disposição de ícones em placas de impressão, base de impressão, posicionando o papel e dobrando-o para compor o jornal. Uma longa ação até a impressão final, retirada do papel da máquina e sua dobragem para entrega aos leitores. Toda essa ação é representada por uma grande pantomima depois reduzida a um sinal (grande pantomina - <https://youtu.be/anHm9c2dFLk>). A seguir apresentamos o sinal-nome de Ipiranga, motivado no sinal de sua profissão.

Figura 7. Sinal-nome de José Ipiranga de Aquino (SURDO)



Fonte: produzido pelos autores
Disponível em <https://youtu.be/T5GWOEpk3Y>

O terceiro filho **Luiz Torres de Aquino** nasceu ouvinte em 1936. O sinal-nome de Luiz foi atribuído por conta de um costume. Após as refeições, Luiz brincava com o resto de grãos de arroz que sobravam no prato, em meio à conversa, ele costumava pegar esse arroz entre os dedos e fazer uma massinha que ficava enrolando enquanto conversava à mesa. Observando essa prática, o irmão surdo José o denominou pela ação de enrolar o arroz com os dedos, o sinal era produzido associado à língua passando em meio aos lábios. Luiz estudou em Campo Grande e quando maior foi para o seminário em Belo Horizonte

- MG. Mas, o sinal que lhe fora atribuído ainda criança permaneceu por toda a sua vida apesar de suas outras inúmeras atividades, inclusive na educação de surdos.

Figura 8. Sinal-nome de Luiz Torres de Aquino



Fonte: produzido pela autora.

Disponível em <https://youtu.be/emRG2drhWU8>

Luiz Torres de Aquino teve um importante papel na educação de Surdos de Campo Grande – MS. Como funcionário da secretaria de educação abriu espaço para a criação de salas de educação especial nos anos de 1980 e contribuiu com a criação da associação dos surdos da cidade apoiando o seu irmão surdo José Ipiranga de Aquino, presidente da associação. Luiz é mencionado no livro “*Língua brasileira de sinais: patrimônio linguístico brasileiro*” como um importante aliado das lutas da comunidade surda (Quadros, et al., 2018).

Maria Zilda de Aquino nasceu em 1938. O sinal-nome foi atribuído por uma característica do corte de cabelo, uma longa franja reta em sua testa. Então, o seu sinal foi motivado por uma característica física. Nos anos 1950 as mulheres começaram a cortar mais o que cabelo, representava cortar as regras, cortar os vestidos longos e os papéis impostos. A mulher queria ser livre, desafiando as normas sociais da época. O penteado representava essa mudança, Zilda uma das primeiras a usar o cabelo curto e franja escandalizava pela sua personalidade forte e por ser ousada. Na época, a franja era símbolo de rebeldia. Na figura 9 apresentamos o sinal de Zilda, seguido do link para o vídeo.

Figura 9. Sinal-nome de Maria Zilda de Aquino



Fonte: produzido pela autora.

Disponível em <https://youtu.be/f4GJ-FjkCeM>

Francisco Assis de Aquino nasceu em 1939. Enquanto os irmãos mais velhos estudavam fora, o irmão surdo no Rio de Janeiro (INES) e o irmão ouvinte Luiz em Belo Horizonte (seminário), Francisco Assis estudou no colégio local e ficou em Campo

Grande. Quando jovem entrou na carreira militar chegando à patente de sargento.

Formou-se mecânico na escola da Força Aérea Brasileira (FAB), Escola de Especialistas de Aeronáutica (EEAR), desenvolvendo habilidades práticas em curso de treinamento de sargentos e cabos para manter as frotas e aprender a ler manuais técnicos. Até hoje na entrada Base aérea é possível ver o monumento do aviador, um modelo “*North America T6*”, um dos aviões que Assis fazia a manutenção.

Figura 10. Fachada da Base aérea



Fonte: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303369-d2349760-Reviews-Monumento_do_Aviador-Campo_Grande_State_of_Mato_Grosso_do_Sul.html#/media/2349760/?type=ALL_INCLUDING_RESTRICTED&albumid=-160&category=-160

Em 1950, a Base Aérea de Campo Grande (BACG) já era um ponto estratégico para a FAB no Centro-Oeste, e mecânicos de avião eram essenciais para manter a frota de guerra, com o trabalho focado na manutenção de motores e sistemas elétricos de aeronaves da época, como caças e transportes, um trabalho essencial para a defesa e soberania aérea do Brasil. O sinal pessoal de Assis foi atribuído pelo seu irmão surdo Ipiranga, ao observar o trabalho de concerto dos aviões, como uma grande pantomima executada pelo manuseio das peças selecionou-se a parte da sinalização em que se gira a hélice do avião com uma das mãos produzida no ponto de articulação orelha, pois como mecânico tinha que ver o movimento e ouvir o funcionamento do motor.

Figura 11. Sinal-nome de Francisco Assis de Aquino



Fonte: produzido pela autora.
Disponível em <https://youtu.be/RJWAruZndOo>

Os sinais destes cinco filhos até então, mais velhos, só foram atribuídos na fase adulta, correspondendo ao período em que José Ipiranga já estudava no INES.

Até então, estes filhos tinham nascido no Ceará e se mudado para Campo Grande

com os pais. O êxodo rural, motivado pela seca, pobreza e falta de oportunidades no

campo, levou muitos cearenses a migrarem para outras cidades em busca de emprego e melhores condições de vida. A família Aquino antes vivia no Cedro, sul do Ceará. Os nordestinos começaram a chegar em Mato Grosso (antes da divisão do estado) em grande número na década de 40 (Queiroz e Baeninger, 2017). A família Aquino começou essa viagem em 1943. A filha **Maria Zenilda de Aquino** nasceu em 1944 no meio da viagem. E entre os filhos, Zeni tinha 12 anos, Ipiranga (surdo) 10 anos, Luiz 8 anos, Zilda 6 anos, Assis 5 anos e Zenilda ainda sendo gestada. Quando chegaram em Campo Grande, ainda Mato Grosso se estabeleceram na vila Bodoquena, próximo à área militar e junto à Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Tomaz passou a trabalhar como carpinteiro na base aérea de Campo.

O sinal nome de **Maria Zenilda de Aquino** era produzido passando o dedo indicador no nariz de cima para baixo. Essa referência foi estabelecida pela brincadeira de criança em que um adulto pergunta: __ Cadê o nariz? E a criança aponta para o próprio nariz. Como a brincadeira era recorrente se definiu seu nome em língua de sinais assim, apontando para o nariz, como na figura 12.

Figura 12. Sinal-nome de Maria Zenilda de Aquino



Fonte: produzido pela autora.

Disponível em https://youtu.be/9eO_vNiUN0

Maria Zizi de Aquino nasceu em 1946, a sua condição de saúde era frágil por uma doença no coração e uma

construção corporal esguia. Ela era muito magra, apresentava déficit de massa e força muscular. Então, o seu sinal era produzido com o dedo mínimo que fazia parte do sinal de MAGR@ com o movimento do alfabeto manual para a letra “Z”, pois seu nome era Zizi. Configura-se como um sinal híbrido em que se associa uma característica física e a primeira letra do nome da criança (figura13).

Figura 13. Sinal-nome de Maria Zizi de Aquino



Fonte: produzido pela autora.
Disponível em <https://youtu.be/ZKGhX9EnUHE>

Maria Torres de Aquino nasceu em 1947. Apesar do nome de registro, a família a chamava de Zeneide. As três irmãs com idade próximas eram inseparáveis, as irmãs mais velhas (Zeni e Zilda) cuidavam das mais novas (Zenilda, Zizi e Zeneide). A programação da noite com a casa cheia de crianças era o jantar as 19hs e depois todos se reuniam na sala da casa para ouvir o rádio. No rádio tocava uma programação ao vivo com música, radionovelas e reportagens. As emissoras e Campo Grande eram a Rádio Difusora (primeira da cidade, 1939) e a Rádio Cultura (1949), principais veículos de comunicação. As meninas esperavam a hora da música para dançar. A primeira TV preto e branco da família foi adquirida em 1962 por Francisco Assis, irmão com a carreira militar. Essa conquista só foi possível com o trabalho do filho Assis. Domingo de manhã era dia de missa, almoço macarrão com galinha caipira, e no final da tarde todos se reuniam para assistir o programa “Jovem guarda” com Roberto Carlos, onde aprendiam as danças.

Nos anos de 1960 a televisão brasileira estava se consolidando, e a música era um dos pilares da programação, fortemente influenciada pelo formato das rádios (programas de auditório e orquestras). Roberto Carlos era um dos principais apresentadores, ídolo de Zeneide. “*Os Brotos Comandam*, programa de TV baseado em *rock and roll*, chá-chá-chá, *twist* e *hully gully*.” (Garson, 2020, p.108).

Figura 14. Foto de Geraldo Torres de Aquino e Maria Torres de Aquino e dançando Twist no ano 1958.



Fonte: Acervo pessoal

Do gosto pela dança nasceu o sinal de **Maria Torres de Aquino**. Na foto acima (figura 14) registra-se um momento em que Zeneide dança com o seu irmão mais novo

surdo, Geraldo Aquino. A dança é o *Twist*, inspirada no *Rock and Roll*. Para o passo básico, os braços são mantidos longe do corpo, com os cotovelos dobrados. O quadril, o tronco, as pernas giram sobre os pés de acordo com o tempo da música. Uma das pernas pode ser levantada por conta de alguma coreografia específica. Assim, o sinal-nome de Zeneide é “dançando *Twist*”.

Figura 15. Sinal-nome de Maria Torres de Aquino (Zeneide)



Fonte: produzido pela autora.

Disponível em <https://youtu.be/8svwZ1c62Rk>

Geraldo Torres de Aquino nasceu em 1948, mais um filho surdo. Para todos os filhos que nasciam os pais faziam o teste da tampa de panela. De mês em mês os pais batiam panelas com a criança de costas para identificar se o filho percebia o som. No caso desse filho, desde bem pequeno identificaram que o Geraldo não ouvia como os outros. Nesse período o filho mais velho surdo já está estudando no INES (Rio de Janeiro), ainda pequeno Geraldo contínuo no seio da família ouvinte, sendo ensinado pelas irmãs mais velhas. A comunicação em sinais fluía em casa para a representação das atividades cotidianas e dos objetos de uso comum, como comer, tomar banho, estudar, dormir, ir, mala, panela, chapéu, entre outros.

Geraldo era nomeado como SURDO PEQUENO e o irmão mais velho como SURDO GRANDE pela família. Geraldo foi para o INES em 1960 com 12 anos e ficou até 1964. Não concluiu os estudos e a formação profissional No Rio de Janeiro. Retornando à Campo Grande estudou em muitas escolas de ouvintes Visconde de Cairu (Antônio maria coelho), Clube Cruzeiro. Colégio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, colégio Dom Bosco. No ano de 1982 concluiu o ginásio quando abriu a primeira sala especial para Educação de Jovens e adultos surdos na escola CESM - Centro de Educação Sul-mato-grossense, escola particular, escola que pertencia ao seu irmão Luiz Torres de Aquino.

Quando Geraldo foi para o INES, seus colegas surdos de internato tentaram lhe dar um sinal-nome, a primeira opção foi com base em uma característica física acentuada, as orelhas grandes. Entretanto, Geraldo não aceitou este sinal. Ele ficou muito bravo com a zombaria. Em seguida, os colegas lhe deram outro sinal, uma representação gestual que

envolvia inicialmente três elementos: a indicação das penas do cocar na cabeça, o movimento da mão sobre a boca em referência ao cântico indígena e a pintura no rosto usando dois dedos como se estivesse passando a pintura na bochecha”, como se o chamassem de “índio”, pois ele era proveniente de Mato Grosso (grande pantomina para Índio). Com o tempo, o sinal foi reduzido, mantendo apenas o traço final, ou seja, o gesto da pintura no rosto com dois dedos. Toda essa ação é representada por uma grande pantomímica reduzida a um sinal (figura 16). Esse sinal Geraldo aceitou, apesar de ser uma referência a uma pretensa origem racial (indígena).

Esse fato nos faz retomar a discussão dos limites entre cultura surda, visualidade – iconicidade e respeito. O momento atual é marcado por uma maior consciência social e que estabeleceu limites mais rigorosos sobre o que é considerado aceitável nas interações sociais e escolares, elevando a zombaria ao que se conhece como bullying e, conseqüentemente, crime. Desde janeiro de 2024, a Lei 14.811/24 criminalizou o bullying e o cyberbullying no Brasil. As comunidades surdas estão mais cuidadosas como sinais de cunho insultoso, com piadas sobre características físicas, orientação sexual, origem racial ou exclusão social.

Figura 16. Sinal-nome de Geraldo Torres de Aquino



Fonte: produzido pela autora.

Disponível em <https://youtu.be/iTdRckEMEYA>

A última filha foi **Zélia Torres de Aquino** nascida em 1950. No início também referenciada como BEBÊ-COLO e quando definido que o casal não teria mais filhos, Zélia passa a ser chamada como “a última filha”, usando um único sinal “ÚLTIMA”.

Figura 17. Sinal-nome de Zélia Torres de Aquino



Fonte: produzido pela autora.



Disponível em <https://youtu.be/fn3yt-P4ORE>

Após essa retomada histórica, constatamos que nesta época a família não atribuía um sinal para bebês ou crianças pequenas, apenas os chamava de “BEBÊ” (balançando

os braços), quando da segunda infância em que características marcantes se desenvolviam se atribuía um sinal-nome nesta família. Então, os sinais das crianças não eram atribuídos aos nascer, esperava-se para definir uma característica física, psicológicas ou comportamentais para se referir aquele novo membro da família. Como os filhos sequencialmente nasciam, visto não se usava métodos de controle de natalidade o mais novo assumia o sinal de BEBÊ-COLO e ou penúltimo de BEBÊ PEQUENO (<https://youtu.be/ROYVy9Jq6CE>). Então, esses eram sinais pessoais transitórios até se definir um sinal permanente. Um quadro comparativo pode ser visualizado abaixo (quadro 3). Na primeira linha apresentamos os pais, seguido dos sinais usados para se referir a eles, primeiro e segundo sinal. Depois em linha, cada filho lado a lado conforme ordem de nascimento. Abaixo de cada nome os sinais usados para se referir a ele até a estabilização de um sinal-nome.

Em todos os sinais constamos a exploração da iconicidade. “A iconicidade é uma representação convencional relacionada à língua/cultura do próprio país, pois cada língua capta facetas diferentes do mesmo objeto através dos sinais (Bernardino; Silva; Passos, 2011, p. 4). A iconicidade na forma de nomear em sinais também foi evidenciada em outros membros da comunidade surda de Campo Grande – MS (Albres et al., 2025).

Quadro 3. Comparação entre os sinais dos membros da família Aquino

PAIS E MOTIVAÇÃO DOS SINAIS-NOMES										
NOME	Josefa Torres de Aquino 					Thomas Duarte de Aquino 				
1º SINAL	Beijar a mão para pedir a bênção (posição na hierarquia familiar - mãe)					Beijar a mão para pedir a bênção (posição na hierarquia familiar - pai)				
2º SINAL	VOVÓ (posição na hierarquia familiar)					Trabalho (carpinteiro)				
FILHOS E MOTIVAÇÃO DOS SINAIS-NOMES										
NOME	Josefa Zeni de Aquino	José Ipiranga de Aquino	Luiz Torres de Aquino	Maria Zilda de Aquino	Francisco Assis de Aquino	Maria Zenilda de Aquino	Maria Zizi de Aquino	Maria Torres de Aquino (Zeneide)	Geraldo Torres de Aquino	Zélia Torres de Aquino
1º SINAL	Estudar	Surdo Grande	Comportamento Ação de enrolar o arroz	Corte de cabelo (franja na testa)	Trabalho (manutenção de avião)	BEBÊ-COLO	BEBÊ-COLO	BEBÊ-COLO	BEBÊ-COLO Depois SURDO PEQUENO	BEBÊ-COLO
2º SINAL	---	Trabalho de tipógrafo	---	---	---	Comportamento (brincar de apontar o nariz)	Sinal híbrido (nome escrito e magra)	Comportamento (dançar Twist).	Local de origem – MT, sinal de índio	Última filha, sinal relacionado ao final da prole

Fonte: produzido pela autora

Conforme relato dos membros da família entrevistados, os pais e filhos construíram uma comunicação gestual de forma espontânea criando um vocabulário próprio, geralmente icônico, para necessidades básicas, mas com escopo limitado ao ambiente familiar. Esse tipo de comunicação é conhecido como os Sinais Caseiros (SC) (Adriano, 2010). O acesso a uma língua de sinais formal como a Libras foi possível quando da ida do filho mais velho (José Ipiranga) para o INES com 12 anos de idade. Contudo, antes disso os membros da família já tinham um sinal pessoal e toda uma comunicação em sinais para a interação do dia a dia.

Os estudos linguísticos sobre línguas de sinais concordam que os sinais caseiros são essencialmente icônicos, todavia essa iconicidade é convencionalizada socialmente entre os membros da comunidade linguística. Ações, fatos e eventos concretos são utilizados para descrever fenômenos menos concretos e mais difíceis de serem conceptualizados ou até mesmo para se referir a uma pessoa (Cerqueira, 2022; Silva-Júnior; Xavier, 2021).

Um consenso entre os autores se refere a toda a comunicação ser espontânea pela necessidade humana ao mesmo tempo social, pois depende de cada interlocutor envolvido na interação, ou seja, é construído socialmente. Uma vez que os sinais são produzidos, estes são interpretados dentro do contexto concreto de vida, construindo sentidos e estabelecendo significados estáveis com o decorrer do tempo (Cuxac, 2000; Fuzellier-Fusellier-Souza, 2001, 2004).

Com este estudo acessamos a motivação onomástica, ou seja, desenvolvemos a classificação dos sinais-nomes segundo sua motivação. Foi possível constatar a motivação por diferentes aspectos como: papel social (pai e mãe) traço físico (Zilda), traço comportamental (Luiz, Zenilda e Zeneide), profissão (Ipiranga e Assis), inicialização (letra do nome) associada a característica física (Zizi), evento marcante (Zeni), associação simbólica (Geraldo). Aos filhos mais novos foram atribuídos dois sinais, ou melhor, duas formas a se referir às crianças. Elas passaram pelo sinal genérico de BEBÊ-COLO para depois receber um sinal pessoal mais específico, isso porque a mãe tinha filhos em anos subsequentes.

Verificamos que os sinais variavam no decorrer da vida das pessoas, ou seja, os sinais não eram permanentes, podiam mudar. Depois de um tempo alguns sinais se tornaram estáveis até a vida adulta. Conforme narrado, a família já tinha uma comunicação estabelecida e satisfatória para a comunicação cotidiana, inclusive para

formas específicas de se referir aos membros da família (pessoas). Concordamos que “há

que se dizer que o estímulo recebido dos familiares varia de sujeito para sujeito e implica estruturas linguístico-comunicativas mais ou menos complexas e próximas da Libras”. (Teixeira; Cerqueira, 2014, p. 9-10). Evidenciamos que nessas gerações da família o critério de motivação dos sinais-nome se deu pela iconicidade.

5. Considerações finais

Este estudo teve como objetivo examinar e caracterizar os sinais-nome atribuídos aos membros da família Aquino, no contexto da comunidade surda de Campo Grande – MS, com recorte histórico nas décadas de 1940 e 1960 período de atribuição dos sinais, buscando compreender os critérios de nomeação, suas motivações socioculturais e as transformações ocorridas nas práticas onomásticas ao longo do tempo. As três perguntas de pesquisa que orientaram a análise foram: quais os critérios utilizados para referir-se às pessoas nas gerações anteriores? houve mudanças nos critérios de batismo na comunidade surda? Quais as transformações nas formas de formulação dos sinais-nome? Os resultados permitem responder a esses questionamentos de forma articulada.

No que se refere aos critérios de referenciação nominal às pessoas nas gerações analisadas, constatou-se a predominância de sinais-nome motivados por iconicidade, em detrimento de processos arbitrários. As formas de nomear os membros da família fundamentaram-se em traços físicos, comportamentais, ocupacionais, eventos marcantes da trajetória de vida e posições ocupadas no núcleo familiar. A iconicidade revelou-se um princípio estruturante, construído socialmente a partir da observação cotidiana e da necessidade de referência compartilhada entre os interlocutores. Mesmo nos casos em que houve posterior influência da escolarização formal e do contato com sinais institucionalizados, a motivação visual e narrativa manteve-se como elemento central na constituição e estabilização dos sinais-nome.

Quanto às mudanças nos critérios de batismo ao longo do tempo, os dados indicam um processo gradual de transformação. Observou-se que os sinais-nome não eram atribuídos ao nascimento, mas emergiam progressivamente, à medida que características socialmente relevantes se tornavam perceptíveis. Os sinais transitórios, como BEBÊ-COLO ou BEBÊ-PEQUENO, desempenhavam função provisória até a definição de um sinal-nome específico. Com o acesso à língua de sinais institucionalizada, especialmente a partir da ida de membros surdos ao INES, passaram a coexistir práticas de nomeação

oriundas do espaço familiar e do espaço comunitário ampliado, evidenciando um processo de negociação cultural e linguística.

No que concerne às transformações nas formas de criação dos sinais-nome, verificou-se um movimento de redução e estabilização das formas iniciais, frequentemente pantomímicas, em sinais mais condensados ao longo do tempo. Esse processo acompanha a consolidação da língua de sinais como sistema compartilhado e o alargamento das redes de interação social. As transformações observadas não implicaram a perda da motivação icônica, mas sua reconfiguração, demonstrando que os sinais-nomes constituem unidades lexicais dinâmicas, sensíveis às condições históricas, sociais e culturais em que circulam.

Os principais resultados evidenciam que a família Aquino construiu um sistema onomástico fortemente ancorado na experiência social, nos papéis familiares, no trabalho e nas práticas culturais de seu tempo. O que se construiu foi a identificação de padrões recorrentes de nomeação que revelam a centralidade da iconicidade, da narrativa e da memória social na formação dos sinais-nome, compreendidos como produções simbólicas que condensam trajetórias individuais e coletivas, funcionando como marcadores identitários das comunidades surdas.

Os achados deste estudo são relevantes para os estudos linguísticos e onomásticos em línguas de sinais, ao contribuir para o preenchimento de uma lacuna de pesquisas históricas e diacrônicas no contexto brasileiro. Ao adotar uma perspectiva sociológica e histórica, a pesquisa amplia a compreensão dos processos de produção de sinais para se referir as pessoas, deslocando o foco exclusivo dos aspectos formais para incluir dimensões sociais, culturais e ideológicas. Compreender as práticas onomásticas de gerações anteriores permite valorizar a memória linguística das comunidades surdas e aprofundar reflexões sobre identidade, pertencimento e transmissão cultural.

Reconhecem-se, contudo, algumas limitações. Trata-se de um estudo de caso, centrado em uma única família e em um contexto específico, o que restringe a generalização dos achados. A ausência de registros audiovisuais sistemáticos do período analisado exigiu o recurso a narrativas de memória, documentos e interpretação da pesquisadora, o que demanda cautela na reconstrução histórica. O recorte temporal e o número reduzido de interlocutores também configuram limitações metodológicas.

Por fim, sugerem-se pesquisas futuras que ampliem o escopo desta investigação, por meio de estudos comparativos com outras famílias e comunidades surdas, em

diferentes regiões e períodos históricos. Investigações que articulem abordagens

onomásticas, sociolinguísticas e tradutórias podem aprofundar a compreensão dos sinais-nome enquanto unidades linguísticas, culturais e identitárias, contribuindo para a consolidação desse campo de estudo no Brasil.

6. Referências:

- ALBRES, N. de A. Produção de sinais-termos em Libras para conceitos acadêmicos: uma revisão sistemática e suas contribuições para surdos, professores e tradutores e intérpretes educacionais. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 9, p. e0917, 2024. DOI: 10.14393/Lex-v9a2023/24-17. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/72942>. Acesso em: 20 jul. 2024.
- ALBRES, N. de A. A., TERRAZAS, C. M. L., SILVA, E. A. de O. da. O sinal-nome de pessoas em comunidades surdas: um estudo histórico da motivação visual para os meninos do INES de Campo Grande-MS. **Anais do V Seminário Nacional de Línguas e Linguagens da UFMS/CPAQ**. 2966-1714 v. 3 n. 1 de 2025. pp. 127-149 <https://periodicos.ufms.br/.../article/view/24370/16094> Acesso em: 20 dez. 2025
- ALBRES, N. de A.; SILVA, E. A. de O. da; TERRAZAS, C. M. L.I. O signo dialogismo em Libras: conceito como motivação para um sinal-termo essencialmente abstrato e icônico. **Revista InterLetras**. V. 11, Edição número 39. 2024. p1-17. DOI [10.29327/2424719.11.39-8](https://doi.org/10.29327/2424719.11.39-8). Disponível em: <https://www.unigran.br/revistas/interletras/trabalho/1767>
- ALBRES, N. de A. A construção de sinais-nome para personagens na tradução de literatura infanto-juvenil para Libras. **Belas Infiéis**, Brasília, Brasil, v. 5, n. 1, p. 73–92, 2016. DOI: 10.26512/belasinfiéis.v5.n1.2016.11370 . Disponível em: <https://periodicos.unb.br/.../belasinf.../article/view/11370>. Acesso em: 2 mar. 2023.
- BERNARDO, G. R. **História do CEADA/MS: integração dos surdos e/ou pessoas com deficiência auditiva (1984 –1989)**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Programa de Pós-Graduação, (PROFEDUC) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul /UEMS. Campo Grande/MS, 2022. Disponível em: <https://portalpioneiros.fae.ufmg.br/historia-do-ceada-ms-integracao-dos-surdos-e-ou-pessoas-com-deficiencia-auditiva-1984-1989>. Acesso em 10 de novembro de 2023
- BERNARDINO, E. L. A., et. al. Iconicidade, simultaneidade e uso do espaço em Libras. 2011. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/63054846/4-Iconicidade-Simultaneidade-e-uso-do-espaco-em-Libras-Bernardino-Silva-e-Passos> .
- BRITO, S. H. A. DE, BARROS, F., & OLIVEIRA, S. S. de. (2023). A Expansão do Ensino Secundário na região Centro-Oeste do Brasil: Estados de Mato Grosso e Goiás (1942-1961). **Cadernos De História Da Educação**, 22(Contínua), e–198. <https://doi.org/10.14393/che-v22-2023-198>
- CERQUEIRA, I. de F.. A língua de sinais caseira sob o prisma do modelo de construção analógica de iconicidade linguística. **Anthesis**, v. 10, n. 19, p. 18-37, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/anthesis/article/view/6158> Acesso em: 28 dez.

2025.

CERQUEIRA, Ivanete de Freitas. **Vendo vozes e ouvindo mãos: o que nos dizem as línguas de sinais caseiras sobre a aquisição de linguagem ou da linguagem?**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação de Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36040>
Acesso em: 28 dez. 2025.

CUXAC, C. Langue et langage: un apport critique de la langue des signes française. **Langue française**, Paris, 2000, 1: 12-31, vol. 137.

DELAPORTE, Y. **Les sourds, c'est comme ça**: Ethnologie de la surdimutité. Collection Ethnologie de la France, vol. 23. Paris: Édition de la Maison des sciences de l'homme. Resenha. 2002.

DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Os nomes como marcadores ideológicos. *Acta Semiótica Linguística*, João Pessoa/ **Plêiade**, v. 7, nº 01, p. 97–122, 1998.

DOUETTES, B. B. **Topônimos bíblicos em línguas de sinais: levantamento, catalogação e motivação linguística**. 2023. 263 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

FUSELLIER-SOUZA, I. **Sémiogenèse de langues des signes: études des langues de signes émergentes (LS ÉMG) pratiqués par de sourds brésiliens**. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade de Paris, Paris, 2004. Disponível em: <https://hal.archivesouvertes.fr/tel-01701214/document>

FUSELLIER-SOUZA, I. La création gestuelle des individus sourds isolés. **Acquisition et interaction en langue étrangère** [on line], 2001, n. 15. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aile/537>

GARSON, M.. Roberto Carlos como mediador cultural: música jovem, TV e rádio. **Tempo Social**, 32(2), 2020. Pp.101–122. DOI <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2020.168418>

GOLDIN-MEADOW, S.; MYLANDER, C. Spontaneous sign systems created by deaf children in two cultures. **Nature: international weekly journal of science**, Chicago, 15 jan. 1998. Seção Letters to Nature. 391, p. 279-281. Disponível em: <http://www.nature.com/nature/journal/v391/n6664/abs/391279a0.html>. Acesso em: 30 mar. 2009.

LACERDA, Franciane Gama. Entre o sertão e a floresta: natureza, cultura e experiências sociais de migrantes cearenses na Amazônia (1889-1916) **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 26, nº 51, p. 197-225 – 2006.

NERES, C. C., BELATO, J. DE J. F., CORRÊA, N. M.. História e memória da educação especial em Mato Grosso do Sul: constituição, trilhas e serviços. **Cadernos De História**

Da Educação, 22(Contínua), 2023. DOI <https://doi.org/10.14393/che-v22-2023-161>

MARINS, M. J. S. **Estudo toponímico português-Libras das unidades de saúde de Feira de Santana (BA)**. 2024. 145 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2024.

MARQUES, Janice Gonçalves Temoteo; CANTARELLI, Antonielle. A influência da Língua de Sinais Francesa (LSF) na Língua de Sinais Brasileira (Libras): Estudo Baseado em Metalexicografia Comparativa. **Revista Porto das Letras**, Vol. 06, Nº 06. 2020.

MEADOW, K. Name Signs as Identity Symbols in the Deaf Community. **Sign Language Studies**. Vol 1. n.16. p.237–246. 1977.

MINDESS, A. “What name signs can tell us about Deaf culture.” In **Sign Language Studies**. Washington DC: Gallaudet University Press. Vol. 66. p.1-23. 1990.

MYERS, M. D. "Qualitative Research in Information Systems," *MIS Quarterly* (21:2), June 1997, pp. 241-242. **MISQ Discovery**, archival version, June 1997, http://www.misq.org/discovery/MISQD_isworld/. MISQ Discovery, updated version, last modified: March 02, 2005 www.qual.auckland.ac.nz

PAALES, L. On the System of Person-Denoting Signs in Estonian Sign Language: Estonian Name Signs. **Sign Language Studies**. Vol. 10 n.3. p.317–335. 2010.

QUADROS, Ronice Müller de [et al.]. **Língua brasileira de sinais: patrimônio linguístico brasileiro**. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

QUEIROZ, Silvana Nunes de; BAENINGER, Rosana. Migração interestadual cearense: tendências e inflexões durante o período de 1950 a 2010. **Geografares**, 24. 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/geografares/8066> consultado o 28 dezembro 2025.

RECH, G. C. **Estudo dos nomes próprios de pessoas na Libras: onomástica e Linguística Cognitiva em diálogo**. 2021. 249 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2021.

ROCHA, Solange Maria da. **Instituto Nacional de Educação de Surdos: uma iconografia dos seus 160 anos**. Rio de Janeiro: MEC & INES, 2018.

SILVA-JÚNIOR, D. R. C. .; XAVIER, A. N. A iconicidade como uma característica universal das línguas. **Revista da ABRALIN**, [S. 1.], v. 20, n. 2, p. 1–10, 2021. DOI: 10.25189/rabralin.v20i2.1867. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1867> Acesso em: 23 abr. 2025.

SOUSA, A. M. **Zoonímia em Libras: como os surdos nomeiam seus animais de estimação**. Campinas, SP: Pontes, 2024.

SOUZA, Fernando dos Anjos. **Conflitos armados, encontros e combates nas fronteiras do sul de Mato Grosso, nas décadas iniciais do século XX Dourados**. Doutorado em História. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). 2018.

<https://www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2019/03/tese-FERNANDO-DOS-ANJOS-SOUZA.pdf>

SUPALLA, J. S. The arbitrary name sign system in American sign language.” In **Sign Language Studies**. Washington DC: Gallaudet University Press. Vol. 67. p.99-126. 1990.

SUPALLA, S. J. **The Book of Name Signs**: Naming in American Sign Language. San Diego: DawnSignPress. 1992.

TEIXEIRA, Elizabeth Reis; CERQUEIRA, Ivanete de Freitas. Sinais caseiros: ponto de partida para o letramento de crianças surdas e consequente aquisição de Libras e português escrito como L2. In: SIELP, 2014. Uberlândia. **Anais do SIELP**, 2014. Disponível em: <https://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/535.pdf>

YAU, Shun-chiu. Création de langues gestuelles chez des sourds isolés. In: **Cahiers de linguistique - Asie orientale**, 1988. v. 17, n. 1, p. 151-154. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/clao_0153-3320_1988_num_17_1_1268. Acesso em: set. 2016.